

TEM TRANS FREE?: ESTRATÉGIAS POLÍTICAS DE INCLUSÃO DE PESSOAS TRANS E TRAVESTIS NAS PRODUÇÕES CULTURAIS-MUSICAIS EM RECIFE

IS IT TRANS-FREE?: POLITICAL STRATEGIES FOR THE INCLUSION OF TRANSGENDER AND TRANSVESTITE PEOPLE IN CULTURAL AND MUSICAL PRODUCTIONS IN RECIFE

Rubi de Paula Oliveira¹
Júlia Maria Oliveira Tavares Leite²

Resumo: a cena artístico-cultural brasileira tem se transformado com o crescimento de artistas LGBT+, mas a sub-representação de pessoas trans ainda é um desafio. A ausência simbólica impacta diretamente as oportunidades de inserção dessa população nos espaços culturais. Em resposta a essa exclusão, a política da Lista Trans (ou Trans Free) foi criada em 2015, em Recife, pela multiartista Ana Gizelle, garantindo gratuidade para pessoas trans e travestis em festas e festivais. Em 2017, o Coquetel Molotov tornou-se o primeiro grande festival a adotar a iniciativa. Em 2023, 15 festivais nacionais implementaram a política, um aumento de 150% em relação a 2022. No entanto, eventos como GRLS e Lollapalooza destinaram menos de 1% de ingressos à lista. No circuito de festas recifenses, coletivos como Golarrolê, Casa Bacurau e Batekoo aderiram à iniciativa, enquanto eventos como Revêrse e WeHoo apresentaram baixa inclusão de artistas trans. Festivais como Guaiamum Treloso também evidenciam essa sub-representação. A pesquisa investigou como a exclusão de pessoas trans nos palcos e bastidores das produções culturais recifenses afeta sua participação como público, além de avaliar o impacto da política Trans Free. Para isso, foi aplicado um survey de caráter quantitativo e qualitativo, mapeando a presença trans nos lineups e identificando eventos que adotam a política. Os dados demonstram que, apesar do crescimento da Lista Trans, a presença trans ainda é limitada, com muitos eventos mantendo barreiras à inclusão. A pesquisa conclui que a Lista Trans tem um papel essencial na ampliação do acesso de pessoas trans e travestis à cultura, mas enfrenta desafios estruturais na indústria cultural.

Palavras-chave: Lista trans; políticas culturais; música; cultura LGBT.

Abstract: the Brazilian artistic and cultural scene has been transforming with the rise of LGBT+ artists, yet the underrepresentation of trans people remains a challenge. Symbolic absence directly impacts their opportunities for inclusion in cultural spaces. In response, the Trans List (or Trans Free) policy was created in 2015 in Recife by the multi-artist Ana Gizelle, ensuring free access for trans and travesti individuals to parties and festivals. In 2017, Coquetel Molotov became the first major festival to adopt the initiative. By 2023, 15 national festivals implemented the policy, marking a 150% increase compared to 2022. However, events like GRLS and Lollapalooza allocated less than 1% of tickets to the list. In Recife's nightlife, collectives such as Golarrolê, Casa Bacurau, and Batekoo embraced the initiative, while events like Revêrse and WeHoo showed low trans artist inclusion. Festivals like Guaiamum Treloso also highlight this underrepresentation. This research investigated how the exclusion of trans people from both the stages and behind the scenes of cultural productions in Recife affects their participation as an audience and assessed the impact of the Trans Free policy. A quantitative and qualitative survey was conducted to map trans presence in lineups and identify events that adopted the policy. The findings indicate that, despite the growth of the Trans List, trans presence remains limited, with many events maintaining structural barriers to inclusion. The study concludes that the Trans Free policy plays a crucial role in expanding cultural access for trans and travesti individuals but still faces systemic challenges in the cultural industry.

Keywords: Trans List; cultural policies; music; LGBT culture.

¹ Licencianda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atua com pesquisa qualitativa, produção, educação popular e articulação política. Academicamente, pesquisa nas áreas de cultura, música, gênero e sexualidade, com ênfase em ativismo e cenas culturais LGBTQIA+.

² Graduanda em Ciências Sociais (Bacharelado) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Integrante do Programa de Educação Tutorial (PET) de Ciências Sociais, com interesse em sociologia e teoria social contemporânea.

1 INTRODUÇÃO

Gradualmente as discussões em torno das temáticas de gênero e sexualidade, especialmente as teorias *queer*, têm se popularizado tanto na academia, quanto no meio social e artístico. Movimentos como a geração tombamento, ou a cena ativista das dissidências sexuais e de gênero são resultantes de tal popularização.

Em especial, vem havendo no cenário artístico-cultural brasileiro uma transformação dialética na forma de produção e consumo da música popular brasileira, onde artistas LGBTQs têm ganhado cada vez mais relevância e protagonismo, de modo que tornou-se impossível ignorar suas contribuições. Artistas como: As Bahias e a Cozinha Mineira, Bixarte, Filipe Catto, Irmãos de Pau, Jup do Bairro, Liniker, Linn da Quebrada, dentre outros/as, são, segundo Colling (2019), parte dessa nova cena ativista das dissidências sexuais e de gênero que ele caracteriza como: “artistas e/ou coletivos que estão usando diversas linguagens artísticas para problematizar as normas de gênero e sexualidade em nosso país nos últimos 10 a 15 anos”.

O crescimento desses/as artistas surge como resposta a uma necessidade de questionamento das normas de identidade e sexualidade em um cenário social extremamente binário; artistas dessa cena realizam manifestações políticas através de suas performances que, por si, são expressões autossuficientes de afirmação de suas subjetividades, capazes de problematizar a normatividade de gênero, se reconhecendo e se afirmando nessa identidade, que além de questão pessoal, se torna política. Porém, por mais que na última década essas teorias *queer* tenham crescido, ainda há uma carência de debates sobre a falta de representação e representatividade de pessoas trans, e nesse artigo pretendemos explicitar como ela se manifesta, em especial, no meio artístico, bem como no acesso à cultura.

Butler (2018), autora crucial para as teorias *queer*, afirma que a sexualidade possui um caráter discursivo, onde ela mesma produz as normas que regulam e materializam o sexo dos sujeitos, e essas normas regulatórias necessitam sempre ser repetidas e reiteradas para a materialização ser concretizada; daí surge o caráter performativo: onde o poder de produzir essas normas são repetidos constantemente. Diante disso, numa sociedade onde as regras binárias do gênero são mantidas, essas vozes alternativas surgem não somente como oposição, mas como construção de um novo discurso plural e dissidente, com o objetivo não de se opor ao da binaridade - pois, se tornando o Outro discurso, seria posto numa situação de minoridade discursiva -, mas sim como um início de um discurso desconstrutivo da norma.

Quanto ao cenário da representatividade, de acordo com Colling (2018), a distinção da transexualidade e da travestilidade como algo distinto da homossexualidade e se solidificando como identidade de gênero chegaram tempos depois dos estudos de gênero, com os estudos *queer*. Consequentemente, a difusão dessa diferenciação também tardou a

ser representada na mídia. A cena da arte se apresenta então como um lugar de transversalidade das normativas sexuais pressupostas da sociedade e, em especial, na cena musical, é notável como a identidade dos artistas não se diferem de suas personas do palco, diluindo cada vez mais a linha entre a performance e a performatividade de gênero.

Porém, apesar das conquistas simbólicas, como o crescimento da cena artista, a expansão dos coletivos de *ballroom*, a imortalização da cantora Liniker na Academia Brasileira de Cultura, a presença da multiartista Linn da Quebrada no maior *reality show* mundial – o *Big Brother* Brasil (BBB) – entre outros, não torna os desafios materiais menos pungentes, ou que tenhamos políticas e garantias concretas. Artistas LGBTQIA+ continuam enfrentando dificuldades para conseguir fazer da arte sua principal fonte de renda e ocupação, enquanto o Estado tem poucas iniciativas de fomento à produção cultural LGBTQIA+, bem como de políticas culturais destinadas à tal população. Em uma mesa redonda, a artista Raquel Virgínia, uma das vocalistas principais da banda “As Bahias e a Cozinha Mineira”, ressalta:

As questões de gênero na música estão cada vez mais em evidência. Essa cena não é, necessariamente, a indústria cultural ou o show business que resolveu ficar ‘bonzinho’ e dar espaço para nós. Estamos aqui porque, primeiro, temos muito talento como muitas pessoas têm e, segundo, porque existe uma pressão de muitas pessoas para que a gente esteja aqui. Ainda assim, os desafios não são menores por isso. Pelo contrário, os desafios são grandes porque tudo o que estamos conquistando e vai conquistar está sendo a base de pressão. Esse ano, inclusive, em um balanço pessoal, foi o que mais tive destaque profissionalmente como artista e foi o ano que mais sofri violências, não só na rua como também nos ambientes do show business e na indústria cultural. Precisei ouvir de homens que eu precisava saber qual era o meu tamanho e respeitá-lo e que o meu tamanho era menor do que o deles. E, claro, que manter um projeto que traz duas travestis na linha de frente deliberadamente, no país que mais mata travestis e mulheres negras, não é uma tarefa fácil. Por isso, nosso trabalho é muito potente. Nessa discussão, precisamos não apenas festejar os louros, mas também colocar em evidência as contradições disso tudo, porque não é fácil.

A não representação simbólica de pessoas trans gera também falta de oportunidades reais para essas pessoas ocuparem e participarem desses espaços de forma mais ampla. Dessa forma, visando garantir o acesso à cultura e ao lazer para pessoas trans e travestis em manifestações culturais, Ana Gizelle - ou transalien, como é conhecida -, juntamente com outras duas amigas, iniciou, em Recife, em 2015, uma campanha para que produtores/as de festas LGBT+ incluíssem pessoas trans e travestis em seus eventos. Assim, deu-se início à Lista Trans (ou *trans free*): política que concede gratuidade para pessoas trans e travestis em festas e festivais.

FIGURA 1 - Captura de tela da entrevista feita com Ana Giselle



Fonte: Instagram do festival Coquetel Molotov: @noarcm (s.d)

2 LISTA TRANS, DESAFIOS E DESIGUALDADES NO ACESSO À CULTURA

O artigo 23º da Constituição Federal do Brasil afirma que “toda a pessoa tem direito ao trabalho, à livre escolha do trabalho, a condições equitativas e satisfatórias de trabalho e à proteção contra o desemprego. Todos têm direito, sem discriminação alguma, a salário igual por trabalho igual”. No entanto, a realidade das pessoas trans e travestis no mercado de trabalho brasileiro diverge significativamente dessa garantia. Isso se deve à interseccionalidade de fatores como gênero, orientação sexual e identidade de gênero, somada a estereótipos e preconceitos arraigados, que cria uma série de barreiras que dificultam o acesso dessas pessoas a postos de trabalho.

É fato sabido que isso não reflete a maioria da realidade de pessoas trans e travestis, que enfrentam um problema estrutural de empregabilidade. Dados da Associação Nacional de Travestis e Transsexuais, a ANTRA (2021), apontam que:

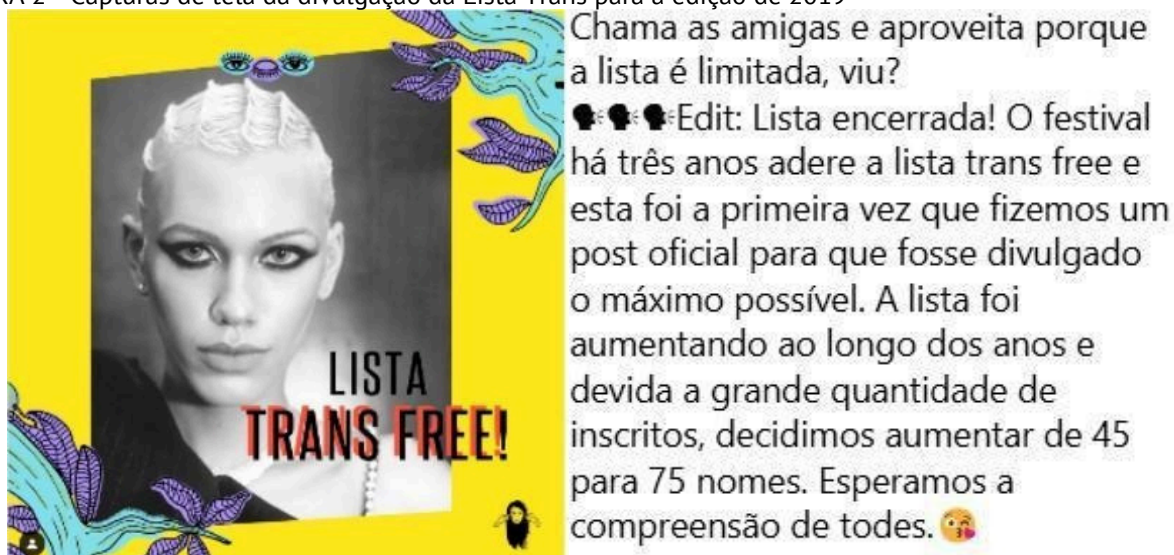
Devido ao processo de exclusão familiar, social e escolar, como já mencionado em diversas ocasiões e em pesquisas anteriores, estima-se que [...] cerca de 0,02% [de travestis e mulheres transsexuais] estão na universidade, 72% não possuem o ensino médio e 56% o ensino fundamental (Dados do Projeto Além do Arco-íris/Afro Reggae). Essa situação se deve muito ao processo de exclusão escolar, gerando uma maior dificuldade de inserção no mercado formal de trabalho e deficiência na qualificação profissional causada pela exclusão social (Benevides; Nogueira, 2021).

O problema de empregabilidade de pessoas trans e travestis é situado num contexto ainda maior, no qual o Brasil lidera o ranking de assassinato da referida população, a qual

possui uma expectativa de vida estimada em 35 anos, segundo dados da ANTRA (2024). Assim, a política de lista trans não é dissociada do contexto de renda, empregabilidade e condições socioeconômicas da população trans e travesti em nosso país.

Em 2017, o festival Coquetel Molotov é o primeiro festival de música de grande porte a implementar a política em Recife, evidenciando, mais uma vez, o protagonismo da cidade em utilizar a política. Neste mesmo ano, Maria Clara Araújo, pedagoga, pesquisadora e ativista transfeminista, foi a apresentadora do festival, no qual também contou com um *show* de Linn da Quebrada, que fez afirmar durante sua apresentação: “travestis são artigos de luxo que merecem ser aplaudidos. Uma salva de palmas para todas as travestis aqui. E sabe por que? Porque estamos vivas! Vocês não esperavam por isso, não é mesmo?”. Já na edição de 2019, há um aumento na quantidade de vagas disponibilizadas para a lista:

FIGURA 2 - Capturas de tela da divulgação da Lista Trans para a edição de 2019



Fonte: Instagram do festival Coquetel Molotov: @noarcm (s.d)

O *blog* Minuto Indie mostrou que no ano de 2023, 15 festivais de música a nível nacional contaram com lista trans, um aumento de 150% em relação a 2022. Apesar de ser um feito louvável, a política ainda enfrenta desafios: dados de Cholodoski e Ferro (2024) apontam que grandes festivais realizados nacionalmente, como o GRLS e o Lollapalooza, destinaram, respectivamente, apenas 0,2 e 0,03% da quantidade total de seus ingressos à lista trans.

Este índice aponta que não basta somente implementar a política de lista trans e achar que isso, por si só, é o suficiente para garantir inclusão. Práticas deste tipo, nos mostram como as pautas da comunidade LGBTQIA+ tem sido apropriada por marcas, empresas, corporativas, produtoras e afins de forma lucrativa apenas; não há nenhum interesse concreto por parte desses grupos em serem aliados da comunidade LGBTQIA+, ou

exercer um papel prático-reflexivo na luta contra a LGBTfobia, nesse caso em específico, a transfobia, de maneira mais direta.

O que atitudes assim evidenciam é como o capitalismo e o neoliberalismo tem se apropriado das reivindicações por representatividade e inclusão feitas por grupos socialmente marginalizados e sub representados, como de pessoas LGBTQIA+, pessoas negras, indígenas, mulheres, pessoas com deficiência, entre outros, para tentarem vender uma autoimagem de inclusivos. Tendo em vista a lucratividade que podem obter com isso, pensando em consonância a Moraes (2024), tal prática pode ser entendida enquanto *pinkwashing*:

O pinkwashing ocorre quando uma pessoa ou entidade capitaliza a diversidade sexual e de gênero para melhorar sua imagem pública ou obter benefícios comerciais, sem realmente apoiar plenamente a igualdade LGBTI+. Isso pode incluir o uso de símbolos LGBTI+ em campanhas publicitárias, patrocínio de eventos relacionados à comunidade LGBTI+ ou alegações de apoio em declarações públicas, enquanto a empresa ou organização continua envolvida em práticas discriminatórias e de violação de direitos humanos. Essa é uma prática que materializa, no contexto da economia neoliberal, uma forma de exploração, pois permite que empresas e corporações se beneficiem da luta por direitos LGBTI+ sem realmente fazerem mudanças significativas para promover a igualdade e liberdade social (Moraes, 2024, p. 14).

Ainda em Cholodoski e Ferro (2024) a cantora e artista não-binária Filipe Catto opina sobre a ineficiência dessas políticas, quando mal implementadas:

Vocês querem lucrar, vocês querem botar lá uma “trava” no conteúdo de vocês? É para pagar de moderninho, mas vocês não têm lista trans, por exemplo, entendeu? Vocês querem usar o corpo para divulgar o fato de que vocês são chiques e querem participar do debate contemporâneo, e aí, de repente, tu não tem, aquela mesma pessoa não está podendo ir ali, não tem uma lista de 100 nomes. 100 nomes não é nada, devia ter 1 mil nomes, no mínimo, 1 mil ingressos para pessoas trans seria o mínimo, na verdade. a gente está falando de 100, só se é 100, porque a gente sabe que 1 mil, daqui a uns anos, talvez a gente consiga (Cholodoski; Ferro, 2024, p. 40).

Para além da disponibilização da lista, outros fatores devem ser considerados para que a informação da lista chegue no seu público-alvo. É necessário pensar no pré-evento, ou seja, com quanta antecedência a lista vai ser divulgada, qual a capacidade de ingressos destinados à lista, e em estratégias que são – por parte de quem gere/cura as listas – de barganha com produtores/as para tentar abranger o maior número possível de pessoas.

Uma das problemáticas em torno da lista trans, é que por vezes pessoas cisgêneras tentam usufruir, de má-fé e de maneira indevida, essa lista, fingindo serem pessoas trans, a fim de ter a gratuidade no valor do ingresso. Uma das estratégias para impedir que casos assim aconteçam é, prioritariamente, fazer que a lista trans seja gerida/curada por uma pessoa trans ou travesti; outra maneira é solicitar que no ato de inscrição na lista, a pessoa candidata informe suas redes sociais. Tais medidas são importantes para que nenhuma identidade, em suas múltiplas expressões de gênero, seja desvalidada, mas que também não ocorra *transfake*, conforme explicam Cholodoski e Ferro (2024):

O termo *transfake* é bastante utilizado no mundo das artes, descrito enquanto o ato de pessoas cisgênero interpretarem personagens trans em produções audiovisuais. No caso das listas trans, são pessoas cis que preenchem os formulários criando nomes ou adaptando os seus para conseguir adquirir os ingressos. Com isso, os processos de avaliação às vezes são mais demorados. (Cholodoski; Ferro, 2024, p. 31).

3 AUSÊNCIA DE REPRESENTATIVIDADE NOS LINEUPS

No cenário das festas noturnas de Recife, pessoas trans e travestis têm ganhado protagonismo e relevância através de suas produções artísticas, principalmente enquanto DJs, mas também enquanto curadoras, *performers*, *hostess*, produtoras, dentre outros aspectos. É possível aferir isso através da obra da multi artista olindense Libra Lima, que atua sobre o nome IDLIBRA e já realizou três turnês pela Europa, além de já ter passado por diversos festivais de música em nível nacional. Idem quanto à Paulete Lindacelva, também artista, trans, pernambucana, que já realizou turnês pela Europa e atua como DJ residente na festa Mamba Negra, em São Paulo. Outras artistas pernambucanas como Dandara Luz (Dandarona) e Vic Chameleon (Cherolainne) também tem circulado por festas e festivais, sobretudo de música eletrônica, pelo Brasil afora.

Por outro lado, se analisarmos algumas das grandes festas de Recife, tal qual a Réverse, e festivais como o WeHoo e o Guaiamum Treloso, vemos que existe pouco ou quase nenhum protagonismo de artistas trans. Na Réverse, festa de música eletrônica, entre março de 2023 até o presente momento, março de 2025, produziu e realizou 10 edições, nas quais em apenas três delas haviam pessoas trans atuando enquanto DJ no *lineup* (programação). O WeHoo se autodefine enquanto um festival que valoriza a diversidade e reúne pessoas diferentes para celebrar a música e a arte. Todavia, ao longo de 3 edições, apenas 2 das 86 atrações que já passaram pelos seus palcos eram pessoas trans: Libra, a DJ, e Majur, a cantora. A DJ Valentina Luz estaria presente na edição de 2024, entretanto, a edição foi cancelada.

Já o Guaiamum Treloso, festival que conta com apresentações de cantores/as, bandas e um palco exclusivo para música eletrônica, em suas últimas 4 edições contou com a

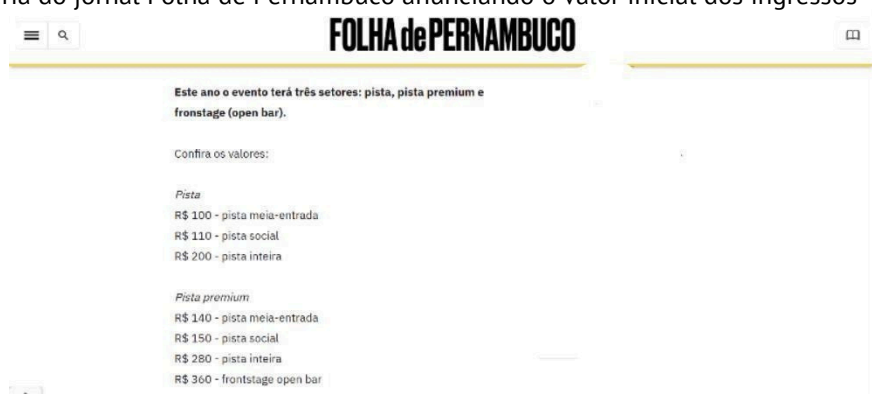
presença de 3 pessoas trans enquanto DJs, todas elas unicamente na edição de 2022; a análise do *lineup* dos festivais mostra que, infelizmente, a presença de pessoas trans e travestis que atuam enquanto DJs ainda se mostra restrita a espaços produzidos e frequentados majoritariamente por pessoas LGBTQIA+. Essa ausência reverbera também no público, que pode sentir que determinada festa ou festival pode não ser um ambiente seguro, ou acolhedor, e portanto pode optar por não frequentar o evento.

É possível analisar como a presença da população trans nas produções impacta diretamente na presença da mesma população enquanto artistas ao retomar a análise do Coquetel Molotov. Libra é uma das co-curadoras do festival, especificamente do palco Kamikaze, que propõe a ser de música eletrônica, e pelo festival já passaram diversos artistas que são pessoas trans ou travestis, como: as/o DJs Badsista, Boneka, Geni, Miss Tacacá e Paulete Lindacelva, além de cantoras como Bixarte, Irmãs de Pau, Jaloo, Jup do Bairro, Linn da Quebrada, Liniker e Ventura Profana.

O mesmo pode ser analisado em produções locais como as festas NBOMB e Sintétyca, ambas produzidas por pessoas trans, cujos *lineups* chegam a ser compostos por mais de 70% de artistas trans, além de sempre contarem com lista trans. Mesmo com a presença expressiva de DJs trans em Recife, a escassez de oportunidades em eventos fora do circuito LGBTQIA+ permanece evidente. E, por vezes, até mesmo dentro de produções voltadas para o público LGBTQIA+, a exclusão de artistas trans ainda é uma questão.

O festival *La Folie* tem como público alvo a população referida, com um foco específico em música pop, artistas como Glória Groove, Iza, Luisa Sonza, Pabllo Vittar, dentre outros, compuseram o *lineup* do festival. Foram realizadas duas edições, sendo uma em 2022 e uma em 2023. Na edição de 2022, houve lista trans – gerida por uma pessoa trans, e divulgada com um tempo hábil adequado: cerca de um mês de antecedência à realização do evento – e uma única artista trans: a DJ recifense Dandarona. Na edição seguinte, em 2023, a cantora Urias e a DJ Gaby Lima representaram a população trans nos palcos, mas não houve lista trans neste ano, e estes eram os valores iniciais dos ingressos:

FIGURA 3 - matéria do jornal Folha de Pernambuco anunciando o valor inicial dos ingressos



Fonte: Folha de Pernambuco (2023)

O erro do festival está em acreditar que a presença de artistas trans em suas produções e disponibilizar a política de lista trans são coisas que funcionam em paralelo, não em concomitância. Não basta que apenas duas artistas trans estejam presentes no *lineup* do festival, sem pensar que, justamente devido ao aumento de artistas trans na programação, haverá também uma demanda maior do público trans em querer ver essas artistas e muitas vezes se vê impossibilitado de participar devido aos custos que estão envolvidos em estar no evento, como veremos a seguir, a partir dos resultados do *survey*.

4 RESULTADOS DO SURVEY

A nível metodológico, foi realizado um *survey* online de caráter quantitativo e qualitativo. A amostra da pesquisa teve 25 pessoas respondentes que nos deram informações sobre aspectos sociobiográficos, como: renda mensal, raça, idade, se possui algum tipo de deficiência ou se é uma pessoa periférica. Partindo dos dados coletados, foi possível mensurar, parcialmente, a eficácia que a política de lista trans tem tido para garantir o acesso à cultura para pessoas trans e travestis nas produções recifenses.

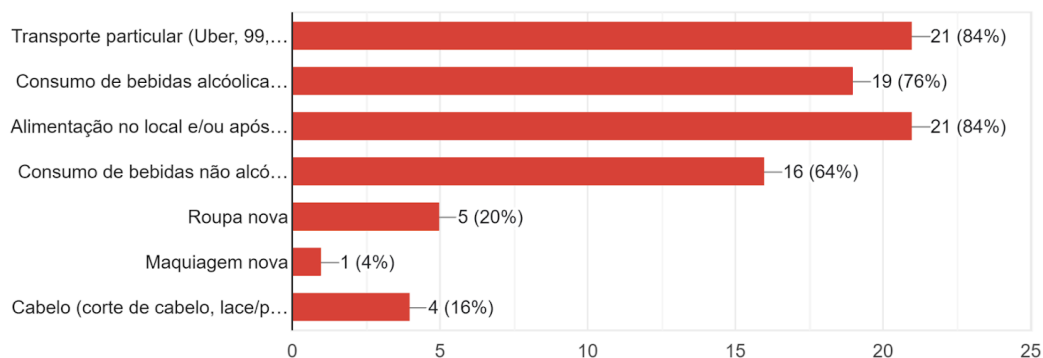
Um dos principais aspectos, ao pensarmos no acesso à cultura e lazer, é o da acessibilidade financeira: a renda mensal de 96% das pessoas respondentes afirmaram possuir renda equivalente a até dois salários mínimos, e destas 96%, 84% vivem com somente um salário mínimo. Em uma análise realizada pelo Mapa dos Festivais em 2023, onde 298 festivais nacionais foram consultados, o preço médio do ingresso foi de R\$329,00, se corrigirmos esse valor para o ano de 2025, o valor é de 361 reais, correspondendo, se considerarmos o salário mínimo atual de R\$1509, a quase 25% do salário mínimo. Segundo Cholodoski e Ferro (2024, p.37), “acessar um dia destes festivais, sem computar gastos paralelos como alimentação e transporte, pode chegar a aproximadamente $\frac{2}{3}$ do salário mínimo por inteira e $\frac{1}{3}$ por meia entrada e/ou entrada social”

Contudo, ir a uma festa ou festival, envolve custos para além da entrada do evento. É necessário pensar no que é gasto antes mesmo do festival e o que é consumido durante as festas. Na pesquisa realizada, em que 72% das pessoas respondentes afirmaram residir em periferias ou em locais de difícil acesso das produções culturais recifenses, quando questionados os gastos que costumavam ter para ir a esses eventos, 84% responderam ser com o transporte particular. Esse dado pode ser atribuído a uma tentativa de ter maior segurança, tendo em vista o horário já avançado que as festas costumam começar – normalmente, a partir das 22h –, por si só já seria um grande perigo, se refletirmos sobre como a população trans e travesti está suscetível à violência física e/ou verbal no espaço público, torna-se praticamente inviável depender do transporte público para ir e, menos ainda, voltar de algum evento. Além do transporte, que é fundamental, outros gastos foram citados pelos respondentes:

GRÁFICO 1 - Gastos esperados por saída desconsiderando o valor do ingresso

Quando você vai sair para alguma festa e/ou festival, quais os gastos que você costuma ter (desconsiderando o valor do ingresso)?

25 respostas



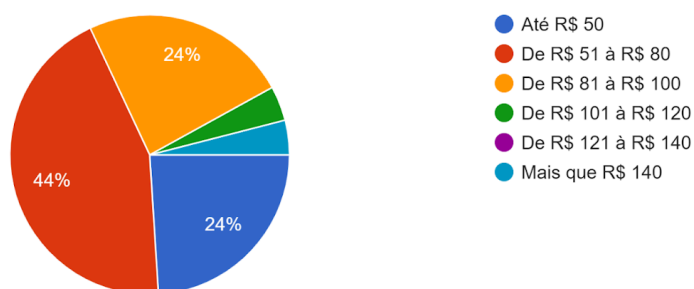
Fonte: Autores (2026)

Dentro desses gastos esperados, a média esperada de gastos por saída variou entre:

GRÁFICO 2 - Média de gastos, em reais, numa saída desconsiderando o valor do ingresso

Você estima quanto gasta, em média, numa saída a noite, considerando os gastos elencados acima? (desconsiderando o valor do ingresso)

25 respostas



Fonte: Autores (2026)

Com esses dados em mente, não é surpreendente que 48% das pessoas respondentes tenham afirmado que dependem integralmente da política da lista trans para acessar produções culturais noturnas em Recife, e o número das que dependem parcialmente também não difere muito: 40% estão nessa porcentagem. Somente 12% alegaram não depender, ou depender minimamente da lista para ter acesso. Além disso, ao serem questionadas se usariam a política caso possuísem condições de pagar pelo ingresso, 68%

afirmou que não usaria, e diz acreditar que essa política deve ser usada por pessoas trans e travestis que realmente precisem, ou seja, não disponham de recursos financeiros.

Além das questões econômicas e materiais, é importante que essa população se sinta segura e representada nos eventos. Ao serem questionados sobre a importância de haver pessoas trans e travestis se apresentando nos locais, 92% consideraram muitíssimo importante e os 8% restantes consideram muito importante.

No tangente ao perfil socioeconômico, 64% das pessoas respondentes são negras, 96% são pessoas que possuem renda mensal aproximada de até 2 salários mínimos, e $\frac{2}{3}$ se consideram pessoas periféricas.

Assim, nota-se como a política, que *a priori* pode ser entendida enquanto uma política que atua no combate à desigualdade de gênero, mostra-se interseccional, atuando também no combate à desigualdade racial e de classe. Isso nos mostra, também, como não se pode ou deve desassociar a luta anti-transfobia das lutas antirracista e anticapitalista.

5 DESDOBRAMENTOS DA LISTA T

Neste mesmo sentido, o que começou enquanto uma política que atua no combate à desigualdade de gênero, hoje tem se desenvolvido e atingido a outros públicos. Em Recife, algumas produções, como a Golarrolê, já trabalham com a “Lista PCD”. Seguindo a mesma ideia da Lista Trans, pessoas com deficiência (PCD) também possuem gratuidade garantida, compreendendo os processos estruturais de exclusão e dificuldade no acesso à lazer e à cultura que a população em questão tem.

As “regras”, neste caso, são um pouco diferentes da Lista Trans, mas possuem a mesma ideia. Se a lista trans deve ser curada por uma pessoa trans, a lista PCD deve ser curada por uma pessoa também PCD. Enquanto na lista trans normalmente é solicitado que a pessoa respondente informe alguma rede social sua para fins de averiguação, na lista PCD é solicitado um documento oficial de comprovação da condição, podendo ser o laudo com o CID, cartão do VEM, BPC ou RG (se já estiver atualizado com as informações).

FIGURA 4 - Captura de tela das instruções para ao acesso da lista PCD da Golarrolê



Fonte: Instagram @golarrole (s.d)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale ressaltar que essas políticas dizem respeito a um aspecto financeiro, conforme já foi ressaltado, mas não apenas. Mesmo que a festa ou festival possua um valor que aparenta ser baixo ou até mesmo irrisório, dispôr da política é uma atitude de mostrar que compreende as disparidades causadas pelos marcadores sociais da diferença, e se importa de maneira efetiva que essas pessoas possam estar ocupando esses espaços. Ainda mais, podemos pensar em avanços na política. Apenas em um dos festivais mapeados por Cholodoski e Ferro – o Afropunk Bahia – a lista trans teve quantidade ilimitada de ingressos disponibilizada, ou seja, todas as pessoas inscritas foram aprovadas.

Mesmo com a conjuntura atual onde diversos festivais tem sido cancelado devido à falta de patrocínio, ou pelos altos custos envolvidos para a realização de um festival, o papel da política de lista trans é de tensionar e alertar às pessoas produtoras que é incontornável produzir um evento sem que seja pensado a possibilidade de abranger a população trans e travesti. E ainda mais: que produtores/as cisgênero estejam constantemente repensando suas práticas, e se movimentando para conseguir atender às demandas das listas (trans, PCD, indígena, etc). Em Recife, hoje, é impossível pensar música e cultura sem dar a devida valorização, remuneração e prestígio às produções de pessoas trans e travestis.

REFERÊNCIAS

ASSUCENA, Assucena; VIRGÍNIA, Raquel. **Liberdade de Gênero na Música**. Semana Internacional de Música: São Paulo, 2016.

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê**: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023 / Bruna G. Benevides. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2024.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim. **Assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Art. 23. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10638993/artigo-23-da-constituicao-federal-de-1988>. Acesso em: 28 mar. 2025.

Cholodoski, Iná Odara; Ferro, Macaia. **Dossiê**: Listas Trans - Um panorama dos festivais brasileiros de 2023. Rio de Janeiro, RJ. 2024. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/11M_4HmGanojg5HO7C6OFH4mfo3YNLc_w/view?fbclid=PAZXh0bgNhZW0CMTEAAaam7pKWtLErgWWP9Vga1aO_dG0lf4FHcHYN2645Mor0U87aQKnGMnqVhAg_aem_pF1MU_8E7bFy34HyNwepNg. Acesso em: 28 de mar. 2025.

COLLING, Leandro. **Artivismos das dissidências sexuais e de gênero**. EDUFBA, 2019.

COLLING, Leandro. Impactos e/ou sintonias dos estudos queer no movimento LGBT do Brasil. In: QUINALHA, Renan *et al.* (org.). **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018. p. 515-531.

Coquetel Molotov. **Instagram: @noarcm**. Disponível em: <https://www.instagram.com/noarcm>. Acesso em: 28 mar. 2025.

DE MORAES, Matheus Henrique Junqueira. Pink money & Pinkwashing: entre o reconhecimento e os riscos de uma expansão expropriatória do capitalismo. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 7, n. 22, 2024.

FOLHA DE PERNAMBUCO. Festival La Folie inicia pré-venda dos ingressos, confira os valores e mais detalhes. Recife, 4 jul. 2023. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/festival-la-folie-inicia-pre-venda-dos-ingressos-confira-os-valores-e/279068/>. Acesso em: 28 mar. 2025.

Guaiaum Treloso Rural. **Instagram: @guaiaumtrelosorural**. Disponível em: <https://www.instagram.com/guaiaumtrelosorural/>. Acesso em: 28 mar. 2025.

Gola Rolê. **Instagram: @golarrole**. Disponível em: <https://www.instagram.com/golarrole/>. Acesso em: 28 mar. 2025.

LOURO, Guacira L. Teoria *Queer* - uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

SILVA, André Araújo da. **Damas de paus**: atravessamentos afetivos sobre representatividade trans e travesti na música brasileira d'As Bahias e a Cozinha Mineira. 2019. 104 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia), Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2019.

WeHoo Festival. **Instagram: @wehoofestival**. Disponível em: <https://www.instagram.com/wehoofestival/>. Acesso em: 28 mar. 2025.

Recebido em: 15/04/2025
Aceito em: 26/08/2025